

Julian Chacel (1928-2024): dedicação e compromisso

Solange Monteiro, do Rio de Janeiro

Dia 31 de julho, a FGV perdeu um ilustre e longo colaborador: o economista Julian Alfonso Magalhães Chacel, aos 96 anos. Chacel foi diretor da Câmara FGV de Conciliação e Arbitragem de 2001 a 2021.

Sua relação com a FGV, entretanto, começou há muito mais tempo: precisamente, 77 anos, quando o então estudante da primeira turma de economia da Universidade do Brasil, atual UFRJ, chegou por convite de Eugênio Gudin para estagiar na *Conjuntura Econômica*, informativo que deu origem a esta revista, e que na época era iniciativa do Núcleo de Economia da FGV, liderado por Gudin e Simão Lopes. Aos 19 anos, Chacel tinha como chefe Richard Lewinsohn. Unidos de “vestutas máquinas de escrever e calculadoras mecânicas”, como contou ao jornalista Bertholdo de Castro quando a *Conjuntura Econômica* completou 65 anos (<https://go.fgv.br/9M3cLvcpdA>), a equipe gerava informações orientadas para economia e negócios a partir de estatísticas como a de vagões carregados e navegação de cabotagem, ou informações de comerciantes atacadistas sobre nível de estoques. Chacel descrevia que, tal como observatórios meteorológicos a

indicar as perspectivas do clima, o objetivo era produzir um barômetro econômico que orientasse sobre as flutuações da atividade. “Os mil exemplares do primeiro número, com 36 páginas, esgotaram-se. Igual quantidade foi reimpressa, e depois mais 12 mil para atender aos interessados”, lembrou.

Ao se formar, Chacel rumou a Paris para fazer sua pós-graduação. De volta ao Brasil, em 1951, retornou à FGV – desta vez, ao Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), criado nesse mesmo ano. Como pesquisador, destacou-se, dentre outros, por estudos relacionados ao setor agrícola. Em 1964, tornou-se diretor-geral do IBRE. Em depoimento dado a Marly Motta e Carlos Eduardo Sarmento em 2006, publicado no livro *Memórias do IBRE*, Chacel conta que sua nomeação se deu em um momento de reorganização do IBRE capitaneada por Gudin, após a ida de Otávio Gouveia de Bulhões para o Ministério da Fazenda do governo de Castello Branco, e que envolveu ainda a escolha de Isaac Kerstenetzky como diretor de pesquisas.

Sob a batuta de Chacel, o IBRE fortalece sua organicidade e sua estrutura de pesquisa. Um marco desse salto foi a criação do Centro de Processamento de



Julian Chacel

Ex-diretor da Câmara FGV de Conciliação e Arbitragem

Dados, no início dos anos 1970, com a compra de um IBM 1130, financiado graças aos recursos que entraram com a contratação de uma série de estudos pelo BNDE – hoje BNDES. Com isso, o IBRE se tornava porta de entrada para computadores na FGV, lembrou Chacel no *Memórias do IBRE*, o que garantiu robustez também para o cálculo de índices.

Os índices de preços foram uma grande frente de trabalho para Chacel, diante da escalada inflacionária que começava a se armar nos anos 1970 e se acentuou nos anos 1980 e 1990 até a chegada do Plano Real. Inflação é inimiga de governos, e essa pressão chegava ao IBRE, responsável pelas contas nacionais e os índices oficiais de inflação até 1986, quando essa responsabilidade foi transferida ao IBGE. Um dos exemplos desse comprometimento foi sua defesa, nos anos 1980, da divulgação do índice pleno da inflação mesmo quando se queria tornar público apenas o índice que Chacel batizou de expurgado, ou seja, livre de variações extremas, para uso no cálculo da correção monetária – item sensível, por realimentar a pressão de preços. Com sua defesa, Chacel conseguiu que ambos os índices fossem divulgados. Não faltou, entretanto, quem o chamasse de “perfumista francês”, acusando-o de manipular dados, como o próprio Chacel lembrou na matéria sobre os 65 anos da *Conjuntura*.

Graças a seu empenho em preservar a credibilidade do IBRE, a instituição conseguiu não só manter como ampliar sua relevância na produção de índices de preços, mesmo após a mi-

gração dos indexadores oficiais para o IBGE. Isso possibilitou, inclusive, a consolidação de um amplo cardápio de índices customizados, formados com a cesta de consumo específica de cada setor, possibilitando maior precisão e aderência à realidade das empresas. Com esse trabalho, afirmou Chacel em *Memórias do IBRE*, a instituição também superou a percepção de que em tempos de inflação baixa, pós-Plano Real, os índices de preços perderiam relevância. Ao contrário, ganharam importância junto à necessidade de se manter o controle estrito das margens.

Chacel pensava o Brasil de forma ampla – até premonitória. Em artigos publicados na *Conjuntura Econômica*, em coautoria com Paulo Rabello de Castro, então editor da revista, demonstrou uma lucidez pouco comum para seu tempo em temas como demografia e meio ambiente. Em edição de 1980, ele tratou como desafios dessa década não apenas a crise de liquidez e energética, sentida por todos, devido aos choques do petróleo. No artigo, citou, por exemplo, preocupação com “a agressão ecológica capaz de romper o precário equilíbrio entre o crescimento econômico e a preservação e conservação da dotação de recursos naturais”, bem como o “rápido avanço tecnológico simbolizado pela engenharia genética e revolução da informação a partir dos semicondutores” que, dizia, “em certos casos parece fugir do controle do homem”. Desafios que permanecem, e que agora teremos que enfrentar sem as luzes do pensamento de Chacel. 📌





Homenagem

Um antecessor repleto de valorosos predicados

Luiz Guilherme Schymura, Diretor do FGV IBRE

Além das enormes contribuições no ensino e de suas grandes colaborações nos debates de políticas públicas, Julian Chacel foi um quadro histórico no FGV IBRE, de importância única. Como atual diretor do FGV IBRE enxergo, com clareza, o papel fundamental desempenhado por ele na construção e história da instituição. A atuação de Chacel para salvaguardar – diga-se de passagem, muitas vezes sem muito apoio – a integridade da metodologia dos índices de preços da FGV, sua luta

na obtenção de recursos para viabilização da introdução do IGP-M, entre outras, são marcas indelévels de Chacel na FGV.

Embora suas contribuições públicas sejam imensas, há o aspecto de caráter pessoal que gostaria de salientar. Chacel sempre foi muito preciso e cuidadoso em suas colocações. Aliás, vale destacar, seu alto nível de civilidade. Gostava muito de nossos encontros, geralmente para almoço. Sentia nele um interesse genuíno em me apoiar na gestão do FGV IBRE, em tudo que precisasse. Sempre com o cuidado

de não extrapolar. A menos que requisitasse, evitava opinar. Mas o que mais me encantava era a sensação da enorme torcida de Chacel para que o FGV IBRE, sob minha gestão, desse certo. Era uma sensação para ser saboreada todo o tempo. Saber de alguém com um histórico tão admirável e da importância que teve para o FGV IBRE dirigindo energias positivas para mim, era, de fato, extremamente motivador. Não há como não sentir imensas saudades de um ser humano tão rico, profundo e civilizado como Chacel. Já está fazendo falta. 



Mario Henrique Simonsen e Chacel na abertura dos cursos de doutorado da EPGE, em julho de 1974 (Arquivo Central FGV)



Homenagem

Uma vida dedicada à FGV

Carlos Ivan Simonsen Leal, presidente da FGV

Quando, ainda muito jovem, Julian Chacel decidiu que iria estudar economia, em meados dos anos 1940, uma de suas motivações foi a de que teria um campo aberto a desbravar; o estudo da economia apenas começava no Brasil. Certamente, ele não imaginava a dimensão que essa decisão teria para a FGV e para o Brasil, ao envolver-se, ao longo de sua carreira, na construção de ativos fundamentais para a mensuração e compreensão das engrenagens que movem a economia do país.

Ainda aluno da primeira turma da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil, incorporada em 1945 à Universidade do Brasil, hoje UFRJ, Chacel foi chamado por Eugênio Gudin, seu professor, então chefe do Núcleo de Economia da FGV, para trabalhar como estagiário na publicação *Conjuntura Econômica*. Nesta revista, que gera informações e análises sobre economia e negócios, ele ficou até sua formatura, em 1949, quando foi para uma pós-graduação na França.

Ao terminá-la, voltou para a FGV como pesquisador do recém-criado Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), no Núcleo de Economia,

que tinha como incumbência o cálculo das contas nacionais e a construção de índices de preços. Lá, inicialmente, se destacou com estudos no setor agrícola.

A partir de 1964, Chacel assume como diretor-geral do IBRE, cargo que ocupou até 1994. A dedicação à qualidade dos estudos e índices divulgados, mesmo em períodos difíceis para o país, como o do choque do petróleo, garantiu a consolidação do IBRE como referência mesmo após a passagem da responsabilidade pelos índices oficiais de preços e das contas

nacionais para o IBGE, na segunda metade dos anos 1980.

A longevidade de Chacel à frente do IBRE não aconteceu à toa, e só não se prolongou para além das três décadas por escolha do próprio, que então aos 67 anos defendia a necessidade de renovação. Isso não significou, entretanto, seu afastamento da FGV. Em 2001, passou a liderar a Câmara FGV de Conciliação e Arbitragem. Atacava, assim, um problema dos mais relevantes para o Brasil: o dos custos de transação. Lá ele trabalhou até concluir sua contribuição imensurável à FGV. ■

